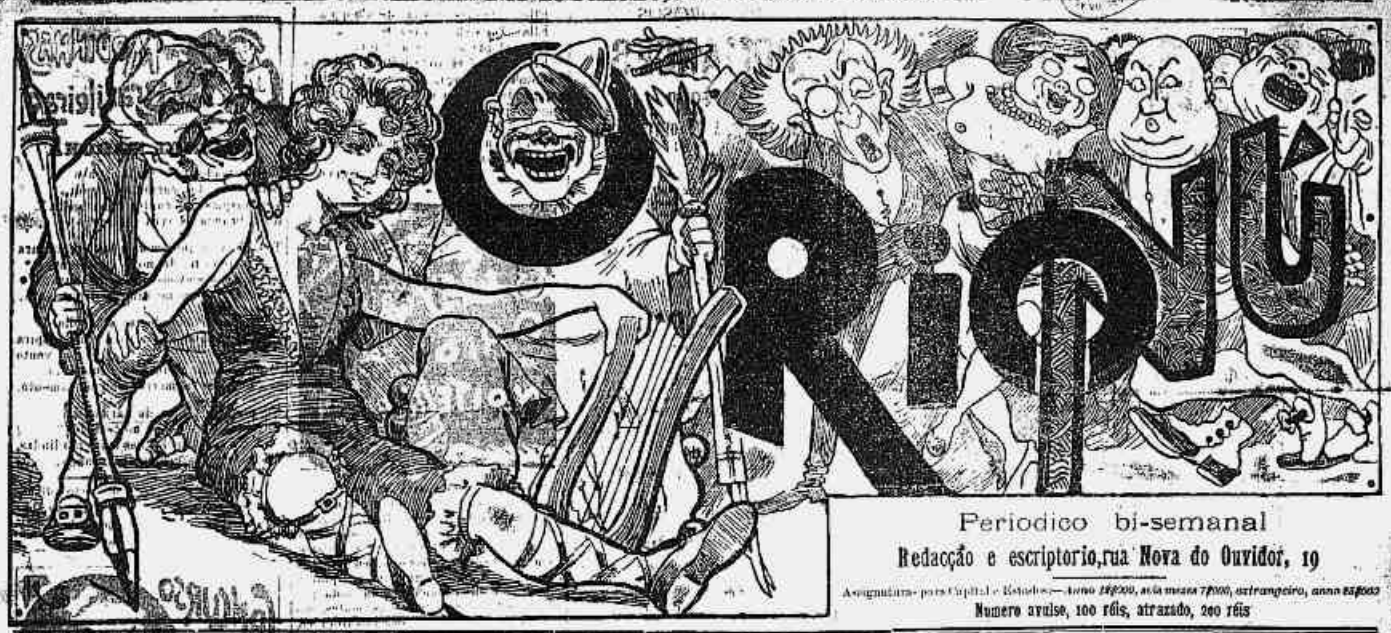
Anno III — Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1900 — Num. 164



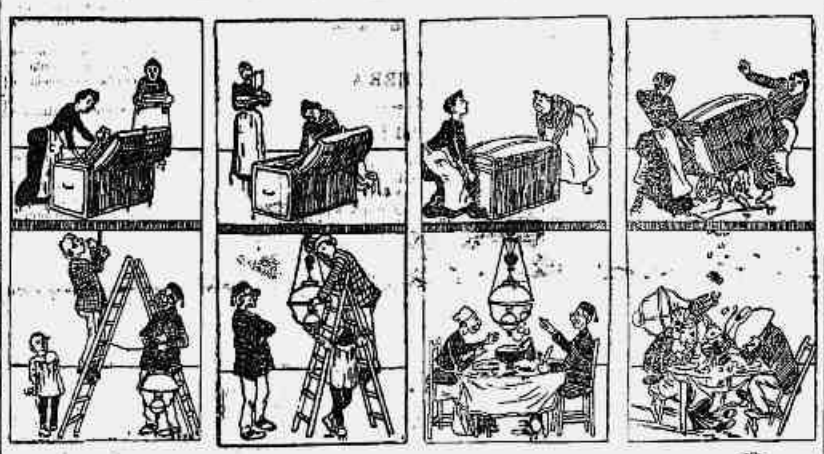
Periodico bi-semanal

Redacção e escriptorio, rua Nova do Ouvidor, 19

Assignatura para Capital e Estados — Anno 12$000, seis mezes 7$000, estrangeiro, anno 25$000

Numero avulso, 100 réis, atrazado, 200 réis

INNOCENCIAS



O Mustaphá, um sujeito casado ha 12 annos mas a mais ninguem sabe, desde que casou, o que foi fazer uma pandega! Aquillo era «vista, fogo, linguiça!» Somente amarrado ao ralho da sua da mulher, gosando o saboroso mel do lar domestico e cumprindo á risca todos os deveres matrimoniaes.

Era o demonio de idiota uma nova Lucrecia... do sexo barbado. Uma vez porém, a Leonor, uma velhota cheia de dinheiro apaixonou-se pelo Mustaphá e escreveu-lhe uma carta communicando-se não me conceder uma entrevista, divul á sua esposa que o senhor a atraição e preparar-lhe hei um sarrabulho levado de todos os diabos».

O fiel marido ficou tremulo de medo e depois de muito matutar deliberou *bocchar* o painel do quadro de seu grande amor... platonico.

E, no dia seguinte, o Mustaphá a mando de Leonor preparava um *chateau* por baixo de um 1º andar que tinha por habitante uma senhora da vida airosa, calotaira como todos os diabos e que preparava as malas para *sentar* de noite, *pelando* o senhorio em seis mezes de aluguel. E, em quanto a sua *mandante* preparava o baú, o velhote mandara por um carregador, collocar um parafuso no tecto para dependurar um lampeão!

— Que elegancia! Que pandega, que grande pandega!

E o Mustaphá já se ia esquecendo com os preparativos, do lar domestico, do saboroso mel, só para pensar no que nunca fizéra depois de 12 annos! «Que estupido que tinha sido!

Está concluida a arrumação da mala no 1º andar.

— Olhem lá o lampeão como fica esbelta! Até parece arsêl! Que bonito *Beijo*! Que luz não daria aquelle diabo! Ah! que se o tratante falasse... Que de coisas para contar não teria á sua cara metade!

Chegou a noite. O Mustaphá estava anxioso! Finalmente sentir o calorinho de outra mulher. Bella, coitado, que não estava acostumado, sentia assim como que um formigueiro a lhe subir pela espinha!

— Olha que espiga! Estou doente!

Nisto batem a porta, e uma voz rouquenha tolhe o silencio d'aquella sala preparada para a *lua de mel*.

— Ai! caudongas! pelladinho da minh'alma!

— Pelladinho! caudongas! que libertadas são estas... minha senhora!

— Acredite, Mustaphá. Desde que meu marido morreu eu... eu... eu não tenho ninguem de pelladinho!

— Exactamente como eu. Desde que me casei... sim... é que... não entro fóra de horas em casa. Hoje é uma excepção... Fui jantar com meu irmão, comprehende!

— Mas que faremos nós aqui? Meu adorado Mustaphá, trouxe aqui lagosta, camarões, vinho do Porto, uma ceia de primeira ordem!

E os dous sentaram-se á mesa justamente quando a senhora do 1º andar começou a pregar o *beijo* no senhorio!

Mas, aconteceu uma catastrophe de mil diabos! O carregador por infelicidade pregára o gancho de lampeão no tecto e atravessára o fundo da mala em arrumação. Quando, porém, a madama de *cour* com toda a força suspendeu com os *trôpes* o gancho partiu-se e a lampada, [illegible] *beijo*, cahiu sobre a mesa, espatifando tudo, tudo, até na fugas do gentil casal!!

Imaginem os apuros das infelizes almas! O que diria o *Lourenço*, o honestissimo, o immaginavel marmanjo á cara metade!...

— Livra!

ABIGNÓBO BARBARÊNSE.

Com o Correio

Diariamente nos chegam queixas dos assignantes pelo não recebimento d'*O Rio Nú*, apesar de ser a nossa expedição feita com toda a regularidade.

E' nos grandemente agradavel e lisonjeiro essa avidez pela nossa leitura chôcha, e para isso mandamos distribuir diversas folhas pelos empregados do Correio.

Agora que ellas devem o seu amor á nossa leitura a ponto de prejudicarem o nosso assignante, é que não é agradavel nem nada!... E tanto não é agradavel, que nós pedimos ao Sr. Director uma providencia energica a respeito.

A senhora que annunciou por esta folha preciosa de um rapaz imberbe, para se vingar do marido que anda ás voltas com uma tal Madame Chupasier, encontrará o que deseja dirigindo-se ao *C. D. M.*

Que perigo!!

ROMA, 23.

Causou sensação um telegramma do Smyrna, dizendo que um funccionario turco raptara uma joven italiana de peregrina belleza e a enviara para Constantinopla, onde já fôra encerrada no Harem.

Outro telegramma diz que o embaixador Pante apresentara por este motivo energlica reclamação e que a Porta Ottomana prometteu dar todas as satisfações.

(D'O Paiz de 29).

Eis que o embaixador avança
E reclama a coisa extrema,
Mas o diabo é só a pequena
Sae com Pansa!

BIER.

Parece que a nomeação de novo director para a E. de F. Central trouxe grande contentamento para o meio bolinario.

A nossa estimavel collega *A Rosa do Ouvidor* abriu um concurso de belleza, para saber qual a fluminense mais bonita.

Nós abrimos igualmente um concurso de *fataças*. Queremos saber qual o fluminense que inventa mais meios de morder a humanidade...

Q. Q. Q.

Que uma interessante alumna em exame oral de portuguez considerando que o 1º elemento morphologico da palavra —pipa— pau — era muito improprio de andar na bocca d'uma moça solteira e innocente não quiz por isso responder ao lente conforme a pergunta que fez, querendo saber de quantos elementos significativos se compunha esse vocabulo e qual era o 1º. Foi approvada. Com distincção o louvor.

Pela Politica

Sim, senhores... Grandes modificações na alta governança! Modificações na policia, modificações no Amor, e a velha capital, vae ir continuando a espreguiçar, bocejando abandonadamente, como uma mulher velha, insensivel já ao contacto de um bigode crespo, já indifferente á doçura de uma caricia masculina...

E porfim é tudo assim!

O ministro da viação deixa a pasta para ir governar a Bahia, o Dr. Maia deixa a Estrada para se mettter na pasta, o Dr. Silvado volta para o Instituto dos cégos, o Dr. Galvão entra para a policia, os chronistas cantam os encantos das mulheres, as mulheres continuam a pôr a juro a cabeça dos chronistas... E tudo continúa, banal e chato, sem um escandalosinho, sem um desfrutesinho, como se isto fosse o Paraiso, antes de Eva ter comido a maçã...

Apenas, uma senhora casada, honesta e séria, é encontrada pelo marido a reiz entre os braços ávidos de um poeta; apenas isto, mas isto mesmo acabou bem: a mulher, entre lagrimas, pediu perdão e arrependeu-se; o marido, que por signal era bôa pessoa e tinha bom estomago (o que estomago!) perdoou tudo; o poeta comprometteu-se a impedir a divulgação da coisa pela imprensa...

Tudo acabou bem, e ninguem mais soube d'aquella coisa galante, que se passou alli assim pela rua da Carioca, n'um quarto banal de hospedaria, á hora movimentada em que os theatros dão ao publico o seu acepipe diario de perna nua e maxixe... Tudo abafou-se a tempo, sem sciencia do empregado da locanda, sem sciencia da policia, sem sciencia da imprensa,—ficando a coisa cautelosamente abafada entre os tres, que mostem, rim a sua sciencia na materia...

Unicamente eles (se por acaso os seus olhares curtos pasmaram por sobre esta columna livre) ficarão espantados de como essa coisa veio cá ter... Descançai, amiguinhos! nós não temos a adiante! Calaremos tambem a coisa e nem siquer que screvemos das discretas iniciaes a que a discreta «Gazeta» alludiu.

Calaremos... mas queremos gosar o pasmo dos tres agora intrigados de como o nosso faro penetrou no escandalo... Descançai! nós não estavamos em salto... nim, nós não estavamos no logar do doutor, mas vimos tudo!

Bem fez a «Gazeta» em martellar que se não deve publicar coisas de adulterio...

CARLOS EDUARDO.

SECÇÃO CAIXEIRAL

Continua aberta a *Secção Caixeiral* para a qual aceitamos a collaboração de nossos leitores empregados do commercio.

Para o presente numero enviaramos.

N'um armazem de comestiveis.

Entra uma senhora e pede uma lata de manteiga de Magny.

O caixeiro volta satisfazendo o pedido da freguesa.

—Quanto custa, perguntou ella?

—Só 8$ minha senhora.

—O que?! oito mil réis por uma lata de manteiga!!

—E então; de que se admira, achacara?

—Carissima; oh! cada vez augmenta mais o preço de todos os generos, já não se póde comer manteiga!...

—Pois então, minha senhora, coma pão secco.

—Secco!!... Não, não posso... Secco é que não vae...

LAEL.

SAL

Na rua Larga
Consta que o Lima
Na Sexta Feira
Cahiu de iharga
Cahiu por cima
Da costureira

O LOCOMOTORA.

PORTARIA

Nostradamus—Queira procurar carta neste escriptorio.

Alguns collaboradores—Pedimos sellar convenientemente a sua correspondencia.

UM APAIXONADO

(A CARLOS EDUARDO)

Quando ao postigo
Mal avistei-te,
Eu fiz comtigo
Pipas de azeite
Dei-te com os hombros
Trinta signaes
Dei cinco tombos
Duzentos ais.

Eu choro, amada,
Bem como um odre...
Sou qual bichada
Banana podre,
Porém se olhares
Sempre p'ra mim
Tomarei ares
D'espadachim!

Na cóva a esmo
Tu me pespegas...
Já vivo mesmo
Como um xubrégas
Aos meus gracejos
Dá o perdão;
Dá quatro beijos
Ao teu Janjão

SATAN ABAL.

DECLARAÇÃO DE AMOR

Elle—Então o seu pae é muito rico?
Ella—E' verdade.
Elle—E V. Ex. é a sua unica filha?
Ella—Sim senhor!
Elle (com sentimento), e V. Ex. ainda duvida de meu amor!

A LUVA

(POESIA DRAMATICA)

No jardim dos leões, diz Schiller que se achava
A côrte reunida em massa, e esperava
Que o rei Francisco désse algum signal co'a mão,
Para surgir na arena o rugidor leão.

Em derredor do circo estavam agrupados
Padres e cortezãs, duquezas e soldados.
Misturavam-se ahi, as sedas dos vestidos
Das donas do bom tom, co'os palletots compridos
Dos dandys de luneta, e luvas de pellica,
Romeus... que andam atraz de Julieta rica.

O rei dá o signal, range o portão de ferro;
Tremem todos ouvindo um horroroso berro.
E surge nesse instante, a passo firme e lento
O rei dos animaes: a juba solta ao vento,
O olhar a desprender lampejos inflammados;
Garboso a caminhar d'um p'ra'os outros lados.
Relanceia o olhar por sobre o povo inteiro
E estende os membros seus, no centro do terreiro.

Novo signal do rei faz outra porta abrir-se
E um rugido, maior que o outro, deixa ouvir-se;
Apparece na arena um tigre nesse instante
Raivoso como um rei!.. Bramido horripilante,
Solta o leão, torcendo a cauda, a contemplal-o
Com um olhar, talvez capaz de atravessal-o.
Atróa rudemente nos ares, e de novo
Descança o corpo enorme, olhando para o povo.

Ao terceiro signal novos portões se abriram;
E então, dos seus covis horrificos, sahiram
Dois leopardos mais, que investem destimidos
Para o tigre, que aséesta as garras, aos rugidos!
Que desprende o leão, nesse momento a erguer-se.
Fitam-se os animaes!.. Era horrivel de ver-se;
Arrojam-se ao leão, o tigre e os leopardos!
Vigorosos, crueis, terriveis e galhardos;
Estrangulam-se os bons guerreiros sem espada,
A luctar e a rolar na areia ensanguentada!...

***

Mas, nisto, do amphitheatro,
Uma donzella a sorrir
Desmanca a mão; e a luva
Deixa na arena cahir.

Leviana, como muitas
Dessas cabeças gentis,
Olhando para seu noivo
Estas palavras lhe diz:

« Disseste que morrerias
Por nosso amor!.. Eis aqui,
A occasião de provar-m'o
Erguendo a luva d'alli. »

**

E o rapaz mais ligeiro que o vento,
Nesse instante atirando-se à arena,
Ergue a luva do meio das féras,
Encarando-as com fronte serena.

Toda gente em redor, contemplando
Desse moço a bravura sem par,
Eu não sei, se de assombro ou respeito
Não podia sequer respirar.

Quando á moça, o rapaz comjoso
Dava a luva, modesto e cortez,
O silencio rompeu em applausos
E os applausos cahiram-lhe aos pés.

E ergue-o-lo se então, a donzella, formosa e languida,
Contempla-o com respeito e com amor sorri;
E diz-lhe com voz tremula ao receber a luva:
« O', quanto te hei de amar!... porque deseri de ti! »

Mas elle, recuando um passo e cortejando-a,
D'esta fórma agradece os cumprimentos seus:
« Guardae vosso amor dentro da luva, adeus-vos,
Esquecei-vos de mim,—que vos desprezo: Adeus!... »

O Philatelista Brasileiro

Recebemos o n. 6 d'esta mui bem organisada revista mensal, de grande utilidade para os collecionadores de sellos.

Agradecidos.

Boneco!

Gil Hugo, em palestra amena
'Stava na escada co'a prima,
Quando a criada, a pequena,
Poz-se a escutar cá de cima.
N'isto espreita a criadinha,
E vê Hugo meigo e doce,
Na nivea mão da priminha
Metter o que quer que fosse...
Corre á patroa, a indina:
— O' patroa! o senhor Hugo,
Deu de presente á menina
Um boneco de sabugo.

+ + +

DIALOGO INNOCENTE

— Ai! como o demonio se tece!..
Então, não querem lá ver!?...
— O que é, filha, que acontece?
— Olé! mamã, já vou dizer.

Não se lembra da pulseira,
Que me offereceu minha mãe,
Juntamente com a carteira
Mais um dinheiro, tambem.

— Sim, bem sei; uma moeda
De tres vintens, muito antiga;
Mas afinal, desenreda
Que succedeu minha amiga?

— Foi hontem na brincadeira,
De cá para lá, nos vae-vens...
— Já sei, perdeste a carteira?
— E' verdade... e os tres vintens!...

E. Torto.

PRIMOROSOS

ROMANCES

A 1$000

19 TRAVESSA DO OUVIDOR 19

(LOJA)

A Dama das camelias.
Romeu e Julieta.
Namorado sem ventura
As mulheres, o jogo e o vinho
As meninas da agua furtada.
As duas irmãs.
Soeurs de Ruth.
Tristezas á Beira-Mar.
O poeta e a rainha.
Um marido perdido.
Vingança de mulher.
O incorrigivel.
A culpa dos paes.
Regina.
Amor só de um lado.
O burro do sr. Martinho.
O filho da minha mulher.
Amores de Narciso.
O segredo do porteiro.
Um homem atribulado.

A LENITA

Romance de fogo, leitura emocionante e de escandalo a .... 2$000

O homem das tres calças

2 volumes, romance de Paulo Kock a .... 2$000

A Vingança de um Sapateiro

Romance de fogo, o maior successo; publicado no roda pé d' O Rio Nú.
1 volume 2$000

ALMANACH THEATRAL PARA 1900

Contendo retratos dos principaes artistas, monologos e contos divertidos a .... 1$000

Os pedidos pelo correio, devem acompanhar, alem da importancia do livro mais $500 para cada volume.

CARTAS

— A' —

F. GUERRA

A'ah!

Na rua do Ouvidor (authentico).

A velha: Grandissimo tratante! Ter a audacia de acompanhar-nos do Largo á Confeitaria e da Confeitaria aqui!!

O Luiz, á parte: Melhor fôra da Confeitaria p'ra casa... (alto) Mas minha Senhora, creia que foi simples acaso. Eu sou incapaz de...

Ella: Sim, sim, foi acaso mas o caso é que vocemecê veio atraz de mim até aqui...

Elle: Atraz da Senhora!? Que o diabo seja surdo a tal agoiro!... Atraz da... ah! ah! ah! tem graça...

Ella: E ainda ri-se! então nega que veio atraz de mim?

Elle: Terminantemente. Eu me explico, Senhora: Um acaso, um mero acaso permittiu que eu fosse á frente de sua filha...

Ella: A' frente de minha filha!!

Elle, continuando: ... e voltasse a seu lado (d'ella,) mas nunca me passou pela mente a estulta idéa de ir atraz de V. Ex.

Ella: Ai! que eu já não sei de que lado tenho a cabeça.

Elle: Do lado de traz.

Ella: Malcreado! Fallar-me com ironia! O Senhor, um vagabundo de chapéu!

Elle: Enganou-se: sou da Chopp's.

Ella: Dar-se-lhe o caso de...

Ella: O que se dá é a coisa.

Ella: Ella? Grande biltre!! Saia já da minha presença. E se não quizer arrepender-se, não se metta mais commigo, ouviu?

Elle: Metter-me com a Senhora? nunca! Com sua filha — sim...

(Cae o panno)

Dr. Sello.

Enquanto o Acacio não inaugura os seus trabalhos no Apollo e enquanto o Moreira Sampaio e o Dias Braga, o primeiro com o *Alfaiate das Senhoras* e o segundo com *A Mendiga de S. Sulpicio* vêm os theatros ás moscas, eu, o pobre chronista, sem assumpto, porquanto onde não houver concurrencia nada poderei bisbilhotear, passo as noites, ora n'uma casa de *chopps*, ora nos frontões, querendo pesquizar tudo e a maior parte das vezes fico no *ora veja!*...

Hontem, depois da tôa chuvinha que cahio (ufa! que calor!) sahi á busca de aventuras quando, ao dobrar a rua do Lavradio, distinguiram meus olhos um conhecido actor falando alto com dous ou tres rapazes.

— Tenho assumpto, disse eu, com os meus botões; não percamos a occasião...

Colloquei-me á devida distancia e ouvi:

— Está ahi, *está* arrebentado, dizia o actor.

— Ha capital, garanto!

— Pois bem assim eu entro para tal cousa!

— Porque ainda não te convidaram?

— Nem que o façam, não vou!

— De quem se tratará? perguntei a mim mesmo...

Calaram-se todos. O actor disfarçou e embarafustou-se pelo Frontão.

Vi então que conhecia um dos tres companheiros do actor e interroguei-o.

— De quem falava o X?

— Da Companhia do Acacio!

— Elle!

— E' exacto.

Apertamos as mãos e caminhei monologando:

— Oh! que gente perversa! Que descaramento! O actor em questão, cujo nome não posso declinar, faz parte do elenco do Apollo! E' até onde póde chegar o dictado: — Quem não tem o que dizer fala do si proprio! Que o Acacio lhe perdôe: elle é assim desde pequenino; o que o berço não tira

Lydoro.

Um primo visita a prima, casadinha de fresco:
— Sou todo teu...
— E eu sou toda tua...
O marido (entrando):
— E eu o que sou?
Ella (atrapalhando-se):
— Você... é nosso.

PALLIDA MADONA

Pallida madona de meus sonhos
Bella filha dos cerros de Ingadi
Vem inspirar os cantos d'um poeta
Rosa branca da lyra de David

Todo o amor que em meu peito repousara
Com o orvalho da noite de relento
A teus pés elevou-se com as nuvens
Que se perdem no azul do firmamento.

A' tarde quando chegas a janella
Com as tranças soltas para onde suspira
o vento
Minh'alma de joelhos te contempla
E a teus pés vai morrer meu pensamento.

No piano aos sons da harmonia,
Tu corrias os dedos ao teclado
Com as caricias de tuas mãos tão lindas,
Eu chorava e gemia apaixonado.

Faz annos hoje o nosso distincto collaborador K. Marão, director da secção de charadas, a quem *O Rio Nú* apresenta todo o cumprimento da sua gratidão.

Resolvemos adoptar esta secção que alcançará talvez todo o successo do *Motte a Concurso*. Formularemos em cada numero uma pergunta em verso,— que deve ser respondida tambem em verso pelos nossos leitores. As respostas não devem conter mais de oito versos nem menos de doze, e pódem ser feitas em quadras, sextilhas, ou oitavas, á vontade.

Para a pergunta:

Porque a mulata magana,
A' guisa dos macaquinhos
Não pode ver a banana
Sem molhar os dois beicinhos?

Recebemos as respostas seguintes:

Pela identica razão,
Que qualquer bom cidadão,
Não sendo velho cangalho,
Não pode a bocêta vêr
Sem que sinta erm querer
Dar pinotes o nariz.

Guny.

—

Sim. Sendo a mulata—astuta,
Sendo magana a mulata,
E sendo a banana—fructa
Dôce e gostosa que mata,
E' natural que a magana,
E' natural que a mulata,
Depois de vêr a cantata
Molhe os beiços na banana.

Dr. Sello.

25

IV

O proprio Padre Faustino levantou-se e veio á porta do corredor ver aquillo de perto; redonda e preta, a batina tomava quasi toda a porta,—e aquellas mocinhas, pelos braços de seus queridos, vendo alli aquelle representante da egreja, tinham lá no seo intimo um estremecimento de esperanças, uma como promessa de realisação de coisas futuras...

Olga, que agora estava tambem a dançar, dançava com o Albino, um moço da Estrada de Ferro—e pelo seu intimo passava tambem, á vista do sacerdote, a futura realisação de uma coisa em que ella andava a pensar...

A polka continuava; cada vez mais se desengonçavam os rapazes de calça branca e cada vez as fitas azues atadas á cintura das moças mais ameaçavam o vidro do lampeão, posto em cima do marmore do consóle.

Padre Faustino, Ambrosio e o outro senhor de longas barbas riam do « desengonçamento » dos rapazes e tinham palavras de louvor para a pianista; o padre adiantara mesmo que «nunca ouvira uma coisa tão bem tocada» e ia lançando de vez em quando os seos olhos ávidos sobre o collo farto e redondo da viuva. Pela sua imaginação de homem solteiro passava a idéa sensual de poder gosar ainda aquella bella mulher, viuva e moça, que alli estava, com o seu vestido tão justo, a deixar adivinhar todas as fórmas redondas de que dispunha, todos os encantos doces que aquella seda côr de rosa encobria... E pela imaginação esquentada do padre passou aquella dôce idéa, longinqua e vaga, como uma coisa difficil, muito difficil de se realisar...

E alli ficou, encostado ao portal, derretido e meigo, babando-se todo de gozo com o olhar posto na nova amiga de Olga.

A polka acabára. Os pares, em torno ao piano, agradeciam aquella honra e elogiavam a expressão, o compasso, o «modo divino como a Snra. D. Helena tocava» Olgasinha chegou-se tambem reluzindo em amor, ainda pelo braço do Albino, e agradeceu com palavras amigas. Ah! aquillo é que era! Sim, senhora, nunca pensara que a sua festa tivesse todo aquelle successo!

Helena agradecia, rindo.

Oh! não era preciso esse elogio todo, gente! Não continuassem que ella se encheria de vento e não tocava mais. Tocára para que elles dançassem e não para estarem alli a dizer palavras bonitas! Assim não tocava mais!

E levantou-se, fingindo-se zangada com os elogios, tomando novamente logar no sofá, ao lado de D. Affonsa.

Olga ria. Ora que graça! Não querer que se dissése a verdade! Pois se ella tocara tão bem!

E depois, chegando-se:

— Pois sim, se a questão é essa, ninguem diz mais nada.

E em seguida, voltando-se para as amigas, disse a rir:

—Ouviram, gente? Não se diz mais que a D. Helena tocou bem... Bico, bein!

Do contrario, adeus polka bonita!

As outras riam!

(Continúa)

Se não póde a mulata magana
Vêr banana,
Sem os beicinhos molhar;
Porque sabe que essa fruta
Sendo bruta,
Tem caldo sempre p'ra dar.
FREI K. OLHO.

—

Quando uma fructa é vistosa
E bôa, logo appetece;
Pois se vê que é saborosa
Pelo módo por que *cresce*
Por isso a mulata Bertha
Dá na lingua uns estalinhos,
Quando a banana ella aperta
Entre os molhados beicinhos...
PICARETA.

—

E' que forma-se um Atlantico
Na boquinha da bahiana
Acaso vendo a banana
Que gozo dá
E não podendo, p'la logica,
Ser maior que o continente;
O conteúdo certamente
Transbordará.
ARNOLD.

—

Se a mulatinha magana
Quando olha p'ra a banana
Fica nessas condições
E' porque sabe que a fructa,
Cujo sabor bem desfructa,
Só lhe dá consolações.
ORIBEMA.

—

A resposta é bem magana
E clara é:
Porque gosta da banana
S. Thomé.
DRIRÓ SENIOR.

—

E' tal o gosto que sente
Toda mulata magana
Assim que vê a banana,
Derrete-se, fica louca
E molhando os seus beicinhos,
Attrae, logo, para o gozo,
Rapaz imberbe e fogoso
Que lhe chegue a fructa á bocca!
DR. BUFFON.

—

Para o proximo numero offerecemos a seguinte

PERGUNTA

Qual a razão que o marido,
Cuja mulher se diverte,
Por ADAM converte
E' chapéo bem comprido?

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero dois versos que devem ser glosados pelos concurrentes, para os quaes fica estabelecido um premio mensal!

O resultado deste concurso será sempre publicado com um intervallo de um numero, sendo as glosas recebidas até a vespera da publicação do numero antecedente.

Para o motte:

Mulata, se tens caroço,
Deixa, que eu tiro com geito.

Recebemos as seguintes glosas:

—Eu não sou *destes*, seu moço,
Percebo bem seu manejo...
—Só vêr de perto desejo,
Mulata, se tens caroço
Nas *gorduras do*... pescoço.
—Que lhe importa o meu *defeito?*
Sou mulata de respeito...
«Vá sahindo da barriga...»
Não sejas má, rapariga,
Deixa que eu tiro com geito...
PICARETA.

—

Rebola mais com esse osso!
Afina a nota na hora,
Bota esses troços p'ra fóra
Mulata, se tens caroço!
Mas não me morda o pescoço,
Oh! mulatão do meu peito,
Que isso é falta de respeito...
Oh! ferro!! largue-me a naca!
....
—Ai! mulato!... seu machuca...
—*Deixa... que eu tiro... com geito...*
DR. SELLO.

—

Não me faças alvoroço
Se queres ser operada
Podes ficar descançada,
Mulata, se tens caroço,
Se confias no teu moço
Vae depressa para o leito
Pois eu tomarei a peito
Com cuidado isso fazer
Mas não deves te mexer
Deixa que eu tiro com geito.
ORIBEMA.

—

Um pequenino destroço
Fazendo no teu corpinho,
Tirando o teu caroçinho,
Mulata, se tens caroço,
Não será de todo insôsso!
Consinta, pois, n'este feito,
E, bem ligada a meu peito,
Sem receio, minha Ignez,
Dá-me teu cofre que os tres...
Deixa, que eu tiro com geito!
DR. BUFFON.

—

Dr. Fadinho (que moço!!!)
Sendo chamado p'ra um parto,
Diz logo: «entrando no quarto»
Mulata, se tens caroço,
Prometto sem alvoroço
Tirar já; deite no leito,
Se ella põe a mão no... peito,
Se não quer, por vêr a... lança,
Elle diz: «minha criança»
Deixa, que eu tiro com geito.
FREI K. OLHO.

—

—Vae ó meu bem dai-me o braço.
Vamos correr qual gazella.
Mas não me negues oh! bella!
Mulata se tens... caroço...
Se o tens e causa embaraço,
Não vás pensar que é defeito,
Pois tenho eu dôr de peito
Ao vêr que é tão bonitinho...
Esse bello... *caroçinho*
Deixa que eu tiro com geito!
DRIRÓ SENIOR.

—

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte:

Entre os braços da Condessa
Sente-se um bom tremelique,

Entre bolinas:
—Vais de trem ou de bond?
—Vou de bond, porque gosto do antigo.

ACHAR PROVERBIOS

SOLUÇÃO N. 82

Quem não chora não mama.

Acertaram: Frei K. Olho, Guimarães, A. Man T., Zé Caipóra, Luneta e Pinduca Assucarado.

N. 84

AO COLLEGA GUIME

Um velhote conheci de grande tromba
e pançudo a valer; tocava bombo.
Tocando n'uma festa, enorme rombo
no bombo lhe fizeram c'o uma bomba.

Um garoto, que nas festas ri e zomba,
O rombo descobrindo qual Colombo,
Do velho faz chacota, e inda um tombo
por cima lhe desanda; foi de arromba.

Mas erguendo-se a tremer de perna bamba
O velhote, a gemer logo esculhamba
o garoto, soltando enorme praga

fazendo-o dançar um bello *samba*.
E por isso o rifão que não descamba
diz que: ....
DRIRÓ JUNIOR.

I

LOGOGRIPHO

AO COLLEGA LINCOLN

Signal.—13,6,4,2.
Mulher.—3,9,3,4,5,12.
Animal.—7,12,10,4,12.
Dansa.—11,6,1,14,6.
Cidade.
PIFF-PAFF.

II

O trabalho de vinte e quatro horas vale um vaso, 2-2.
LABUSTA.

III

LOGOGRIPHO

Planta —1-2-8-11.
Lago—4-10 2 3.
Paiz—5-7-8 9.
Homem—6 7-3-1-10.

Quem és conceito leitor?
Pois bem vou te dar
Procura grande peixe
Que o deves encontrar.
BOULANGER.

IV

O consul do Deus é a arvore-2-2.
PERY.

V

A fada por pouco não casou com a mão esquerda, 3-2.
KEAN-KEAN.

VI

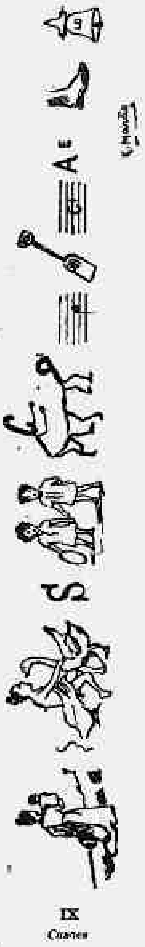
A medida tem indicio de uma planta, 2-2.
ZÉ CAIPORA.

VII

P'ra frente rio
tereis
P'ra traz só ilha
vereis—2.
K. MARÃO FILHO.

VIII

ENIGMA



IX

Casaes

No feminino
Neste monte viajando
Muita gente vi caçando
No masculino
Neste lago espaçoso
Encontrei um bem formoso,—3
KRUGER.

X

Elle artista, ella peixe. 4
K. MACHO.

XI

QUEBRA CABEÇAS

A-A-B-D-E-H-L-R-S-T

Formar com estas letras o nome de uma cidade.
DR. THADU.

XII

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é? O que é?

Qual é o homem que é namorado de si mesmo?
AYMORÉ.

Só recebemos as decifrações deste numero até sexta-feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervallo de um numero, recebendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

Ao primeiro decifrador do torneio daremos, um valioso premio.

Acceitamos a collaboração, que nos deve ser enviada em tiras escriptas só de um lado.

Os *pontos*, neste torneio são contados por questão decifrada e não por trabalho publicado.

Propuzemos 12 questões, cujas decifrações eram:

—

As boas acções elevam e ennobrecem os homens, Pescador, Phebo, Ungufero, Edil-Lido, Perola, Nugacidade, Gingeira, Sisa-Avia, Corcho Corcha, Ker lotomo e Ganga.

Decifraram: Barriguinha de Ouro 10, Aymoré 10, A. Man T. 3.

K Marão.

QUEBRA CABEÇAS

Para amansar o figado...

—

No prado de uma menina
Tem pello tão delicado
Que o cobra vive deitado
Arranhando o seu *bollan*.

FOLHETIM 8

AMORES DE ROSITA

Scenas Realistas

DE

LUDORO

(Escandalos do Rio de Janeiro)

IV

Cuidemos agora de outros personagens que representarão papeis salientes no decorrer da nossa verdadeira narrativa.

A' rua dos Invalidos, lado par, existe um palacete transformado em casa de pensão. Com seis janellas de frente, saccada e gradil de ferro tem á entrada um largo portão.

Quem passa na rua vê ao fundo um jardim amplo e bem tratado e uma escada de caracol que dá accesso para o sobrado.

Na época em que estamos ali morava uma rapariga alta, loura, de olhos pardos, clara e algum tanto magra, a quem os intimos chamavam Carolina. Não era formosa; mas extremamente sympathica e primorosamente educada, mal era conhecida nas rodas de confeitarias da rua do Ouvidor, vivendo, portanto, com a maior discrição, ainda que, ás poucas vezes que sahisse de carro, ostentasse vestidos de seda e custosos brilhantes

Chegára da terra natal havia um anno e vivera até ali ás expensas de um negociante da praça de Manáos, que viera ao Rio para tratar-se e gozar dos fabulosos lucros que a borracha lhe proporcionara.

Carolina jamais lhe déra motivos de suspeita, ainda que, principalmente de um rapaz de fortuna e talento, recebesse longas e apaixonadas cartas ás quaes nem siquer respondera verbalmente.

Esse moço, a quem nós desde já apresentamos aos leitores era alto, moreno, de vinte e oito apenas, ligeiro buço a sombrear-lhe os labios, com dinheiro nas algibeiras e muito talento na *cachola* e chamava-se Mario. Carolina estimava-o bastante, devia-lhe innumeros obsequios um cento de gentilezas; mas esquivava-se sempre de provar-lhe o agradecimento com qualquer acto que pudesse desmerecel-a aos olhos do negociante

De uma vez encontraram-se no Tribunal Civil, onde julgava-se um *habeas corpus* importante.

Apertaram as mãos e nenhum dos dous encetou a conversação.

Na occasião em que o advogado impetrante, em arroubos de eloquencia, estigmatisava a nossa Constituição, as nossas leis, Mario ergueu-se applaudio freneticamente o orador... Carolina, fitando o mancebo, com o sorriso nos labios, estendeu-lhe ambas as mãos, apertando as de Mario de encontro as suas enthusiasmada tambem, delirante de admiração!

Quando o orador terminou o seu discurso, Carolina exclamou dirigindo-se a Mario, que conservava-se extasiado:

— Bello talento, Mario!

A simplicidade da phrase, o tom intimo que essas palavras resumiam, ao vêr que Carolina tratava-o por *tu*, Mario não poude por mais tempo viver assim aguilhoado, sem coragem de confessar de viva voz áquella mulher todo o amor que lhe ia n'alma, obrigando-o a soffrer sem esperar um allivio para as suas agonias, um lenitivo para o seu amor. Ao transpor a porta do Tribunal, Mario, poude emfim dizer-lhe:

—Egual talento quizera eu possuir Carolina, para dizer-te o que nunca talvez ouvisses! Declarar-te a minha estima infinita, a dôr que me devora a existencia inteira, a incerteza em que vivo, sem que te compadeças de mim!

Carolina calava se, empallidecendo muito a brincar com o leque, sem forças talvez de confessar-lhe tambem o amor intenso que lhe dedicava! Ah! bem sabia que o amava; mas desprezar o outro que a quizera sempre, que a cercára de todo o conforto e affeição, não podia fazel-o sem remorsos, sem trahir á sua consciencia de mulher que desejava ser honesta.

Mario insistia:

— Tinha fortuna e era moço. Quando fosse necessario trabalhar, trabalharia com afinco para que nada lhes faltasse. Que Carolina lhe desse uma esperança, ainda que tardia... pedia tão pouco...

Com a voz tremula, muito perto dos olhos de Mario segredou-lhe:

— Amo-te, Mario, acredita! Meu amor por ti é nobre e desinteressado. Seja meu irmão e não procure jamais profanar essa nossa affeição egualando-a á que tem o fito na carne, no corpo emfim Aceeita-me tal qual sou, meu Mario; comprehende que o amor sensual é o unico que não é sincero eu amo-te sinceramente, crê, rejeito outra fortuna e recebo o teu amor, amor de irmão, Mario!...

Ao chegarem á porta de casa elle quiz despedir-se...?

— Entra, disse ella, *elle* não chega antes das seis, acabam de dar tres horas...

Chegando ao quarto Carolina, tirando o chapéo e as luvas, veio sentar se n'um sofá, ao lado de Mario.

— Não me queres mal? não é?

—Querer-te mal? eu? Eu que só procuro ser amado por ti, Carolina; hoje que mais do que nunca tive a certeza de ser amado; não como irmão, oh perdôa que te diga tu me amas tambem, queres que eu viva por ti como desejas viver por mim e que só por um escrupulo de tua consciencia mentes a ti propria, sem pensar no erro que commettes, no futuro que é nosso, cheio de felicidade e de amor? Que pensas unicamente na hora em que os nossos corpos fundindo-se n'um só, possam fremir de gozo, em que os teus labios, collados aos meus, murmurem phrases entrecortadas de prazer e de luxuria?... Fala, fala, não é assim que tu me queres?

Ella calou-se, baixando os olhos.

Mario enlaçando-lhe a cintura, procurou-lhe os labios, sugando-os amorosamente...

Carolina, sem forças para recusar, deixou-se levar ao leito. Logo depois ambos unidos e frementes de gozo, gemiam luxuriamente proferindo phrases entrecortadas...

Depois... Depois ao conhecer o desalinho em que se achava, relembrando os esforços que empregara para não chegar até onde finalmente chegára, Carolina chorou sinceramente vendo-se accorrentada a outro homem a quem amava e obrigada a acceitar as caricias de um outro a quem sómente a gratidão fazia considerar seu amante.

O que lhe estaria reservado d'ali por diante?

Mario voltaria com certeza, o outro afinal viria a saber d'aquella união clandestina, que fazer?

O Destino veio em soccorro de Carolina.

O negociante com a saude equilibrada e com a fortuna algum tanto devastada, falou á amante n'uma viagem a Manáos...

(*Continúa*)

EU ERA ASSIM

Vidro 2$000

Deposito Geral — Drogaria Pacheco rua dos Andradas 5

Gurazão, sob minha palavra de honra, a todos os que soffrem de tosse e rouquidão que "Bronchitol completamente curado dentro muitos com o xarope de alcaprina e Jatahy do Sr. Honorio do Prado, bem como tambem recomendo o indicado xarope de minha amizade bem medicamentoso obtido sempre bons resultados.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1899.

Dr. Alves da Souza Oliveira.

Illm. Sr. Honorio do Prado

E' com a mais viva gratidão que venho attestar, por minha propria pessoa, que estou completamente curado de uma bronchite, que ha mais de tres annos me perseguia tornando-me sumamente grave, não obstante o muito valiosa do vosso xarope de Alcaprina e Jatahy. Faço-lhes o que nos parece.

Sou com a maior consideração e gratidão

Illustre cidadão Honorio do Prado

Venho por meio desta, satisfazer-vos que, havendo feito uso do vosso incomparavel preparado Alcaprina e Jatahy, em presença de minha familia, obtive os mais rapidos e especiaes resultados, e o mesmo tem sido feito a numerosos cavalheiros, a quem tenho aconselhado a fazer uso desse precioso tonico, que tem sido commercio no Leal ashida.

Lendas do Rio Verde (Minas), 6 de Dezembro de 1897.

Antonio Neves, Negociante.

GONORRHEAS E SYPHILIS

CURAM-SE RADICALMENTE COM A

LU GU LI NA

DO DR. EDUARDO FRANÇA

Adoptado na Europa

REMEDIO SEM GORDURA

cura efficaz das molestias de pelle, feridas, empigens frieiras, suor dos pés, assaduras, manchas, tinha, sarnas, brotoejas, etc

PREÇO 3$000

DEPOSITARIOS NO BRAZIL ARAUJO FREITAS & C. 114 Rua dos Ourives 114 E S. PEDRO, 90 e na europa CARLOS ERBA MILÃO

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

CHEUSOTAUO

DE

Ernesto de Souza

H U M

Bronchites, Asthma, Rouquidão, Tosses, Tuberculose pulmonar

Medicamento sem rival, que por seus effeitos tem o cognome de A VIDA M VIDROS

PREÇO 5$000

Drogaria Pacheco, rua dos Andradas 59

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

SEDE: CAPITAL FEDERAL — Rua Nova do Ouvidor ns. 29 e 29 A — CAIXA DO CORREIO N. 11 — ENDEREÇO TELEGRAPHICO — Loteria

EXTRACÇÕES DIARIAS Á RUA CHILE, 59

SABBADO 3 DE FEVEREIRO DE 1900

EXTRACÇÃO DO PLANO X 20ª

200:000$000

Por 16$000

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de Luiz Velloso & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUAVIL, caixa do correio 811, e Cazalbe & C., beco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PRKIN, caixa do correio 946. Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, respondendo a maior clareza nas direcções. Aceitam-se agentes no interior, e nos Estados, dando-se vantajosa commissão. Os agentes geraes só recebem e pagam bilhetes premiados da CAPITAL FEDERAL.

Basar Collosso

DA

FAMILIA PERNAMBUCANA

RUA DO HADDOCK LOBO N. 4

(LARGO DO ESPACIO DO SÁ)

Fazendas armarinho ferragem, louça sapataria, sapataria perfumaria etc etc. por

Preços sem Rival

Ninguem se illuda, barato e bom só no Basar Collosso da Familia Pernambucana

MONOGRAPHIAS AGRICOLAS

I

Cultura da Bananeira

Aproveitamento do fructo e da planta

POR

ARTHUR DINIZ LAGARDE

Precioso e util livro indispensavel ao lavrador e ao fazendeiro.

Tratado completo sobre a plantação bananeira

A' 1$000

II

A BORRACHA

CULTURA DA MANIÇOBA

Tratado completo sobre a borracha e a sua producção.

Instrucções explicativas com as competentes gravuras, leitura boa e facil em luxuosos livros bem impressos.

2$000

19 Rua Nova do Ouvidor (loja) 19

GONORRHÉAS

Flôres brancas (Descorrêas)

Curam-se radicalmente em poucos dias, com o Xarope e as pilulas de malles ferruginoso, approvados pela Exma. Junta de Hygiene, unicos remedios que que pela sua composição innocuo e reconhecida efficacia, podem ser empregados com o menor receio.

Vende-se exclusivamente na pharmacia Brognatina, rua da Uruguayana 103.

Antigas ou recentes, curam-se rapidamente sem injecção somente com o

BLENOCIDA

DO

Dr. Caetano da Silva

GONORRHEAS

medicamento puramente vegetal

Evita as estrictamento e as operações consecutivas

A' venda em todas as drogarias e pharmacias

Deposito Geral, rua da Quitanda 48

Godoy, Fernandes & C.

HEMORRHOIDAS

Rua dos Andradas 59

G VIRTUOSAS S

DE

O Ernesto de Souza A

TT

Rua dos Andradas 59

Vidro 5$000. Depositario Geral, Drogaria Pacheco, Andradas 59

Vendas a varejo em todas as pharmacias e drogarias

LOTERIA DA CARIDADE

É A PREFERIDA DO PUBLICO

Extracções todas as

Segundas e Quintas-feiras

As extracções se effectuam na agencia geral, á rua do S. José n. 113, Capital Federal, ás 4 1/2 horas da tarde. — Os consignarios, A. CAMPOS & C. Endereço telegraphico — CARIDADE.

Aceitam-se agentes nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

LOTERIAS DO BOMFIM

Extracções todas as

Segundas e Quintas-feiras

Ás 2 1/2 horas da tarde

As extracções effectuam-se na agencia geral, á rua de S. José n. 50, ás 2 1/2 horas da tarde.

Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão

A venda em todas as casas e kioscques

50, RUA DE S. JOSE, 50

Caixa do Correio n. 56 — Endereço telegraphico BOMFIM

Almeida & Freire.

LOTERIAS DA CANDELARIA

Em beneficio do Recolhimento de N. S. da Piedade, sob a immediata responsabilidade da mesma irmandade

Lei federal n. 341, de 7 de Maio de 1898.

EXTRACÇÃO PELO SYSTEMA DE URNAS E ESPHERAS

EXTRACÇÃO NO SALÃO DO THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA

Segunda feira 5 de janeiro

A's 2 1/2 horas da tarde

PREMIO MAIOR 15:000$000 PREMIO MAIOR

POR 1$500

10ª loteria do plano n. 4, composta de 7 900 bilhetes, divididos em decimos de 900 n. cada um.

Na agencia geral, á rua da Alfandega n. 1 A, acceitam-se pedidos de numeros certos para as seguintes loterias, achando-se reservados para esta os que tinham sido anteriormente encommendados.

O Agente Geral, Joaquim José do Posario.

MONOLOGOS, CANÇONETAS

E MODINHAS POPULARES, A 200 RÉIS CADA UMA

No escriptorio d'O RIO NU' rua Nova do Ouvidor, 19, loja

PELO CORREIO 300 REIS CADA UMA

Almanack Theatral

A 1$000 ORGANISADO POR ALFREDO GALHINO para 1900 A 1$000

Precioso livro de grande necessidade para todas as pessoas de theatros e aquellas que de alguma forma se interessam ou tenham negocios ligados aos nossos theatros.

Contém as mais minuciosas informações sobre theatros, companhias dramaticas, actores, actrizes, etc., etc.

Traz muitos monologos, cançonetas, etc., etc. Traz os retratos e as competentes biographias dos estimados actores Paiva e Campos.

A' venda na travessa do Ouvidor n. 19. Pedidos pelo correio a F. Guerra, e mais 500 réis por cada volume.

LOTERIA ESPERANÇA

Os mais importantes planos das loterias do Brazil

Extracções na Capital Federal, sob a fiscalisação do governo da União

EXTRACÇÕES TODAS AS

Segundas e Quintas-feiras

Recommenda-se ao publico a leitura dos planos da LOTERIA ESPERANÇA que são, incontestavelmente, os mais importantes das loterias existentes.

Aceitam agentes em todas as localidades do Brazil

Remettem-se bilhetes para fóra, dando-se vantajosas commissões nos pedidos superiores a 50$. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

Augusto da Rocha Monteiro Gallo

Caixa 1,053 — Telegramma AGALLO

97 RUA DO HOSPICIO 75

Elixir de hypophosphito composto

DE

CAMPOS & HEITOR

Approvado pela Exma. Directoria Geral de Saude Publica. Tonico garantido dos centros nervosos, reabilitador das forças derradadas e auxiliador da digestão. E' a reunião assim completa, neste genero, considerado um verdadeiro alimento chimico. Os raqueticos, os depauperados por quaesquer excessos e as senhoras anemicas ou chloraticas, encontrarão neste Elixir o unico medicamento capaz de curar esses estados morbidos.

A' venda nas ruas Primeiro de Março n. 25, Gonçalves Dias n. 57 (Pharmacia Rodrigues), da Quitanda 48 e em todas as drogarias

Frontão F. Fluminense

104 RUA DO LAVRADIO 104

(Antigo Polytheama)

GRANDES

QUINIELAS

Todos os dias

DUPLAS E SIMPLES

Funcção diaria

MUSICA EMBANDEIRAMENTO

OS MELHORES

Pelotaris do Brasil

Sport Athletico

AO Frontão Fluminense

104 RUA DO LAVRADIO 104

A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO

(Do mesmo autor d' O BURACO)

Um elegante e nitido volume de cerca de 200 paginas, correcto e augmentado pelo autor e agora publicado com o seu verdadeiro nome,

N'este livro se conta a muito galante e muito picante historia de um marido que procurou a sarna para se coçar. A pequeez d'este; o sangue novo e exigente da mulher; a prenda do amante; o conselho que dá o marido; a sua alegria primeiro e o seu assombro depois, quando sabe da coisa; o incendio, o amante carregado nas costas; etc — formam a primeira parte do romance. Na segunda parte ha a desapparição do marido, e novo casamento; o amante que se torna marido; o antigo marido que se faz então o amante; os supplicios da mulher, a sua relutancia, o seu interesse e a sua dignidade; a triste situação do novo marido; etc. Terminando tudo pela mais terrivel e mais engraçada de todas as vinganças. O amante paga na mesma moeda e com o mesmo o que tinha feito.

2$000. A' venda n'este escriptorio 2$000

2 LARGO DE S. FRANCISCO, 10 — CHARUTARIA

Pelo correio mais 500 réis

Os pedidos do interior devem vir dirigidos a Carlos Edurdo